

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO UNIDADE
ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES E TECNOLOGIAS

Fernanda Maria de Lima Ferreira

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO ORAL *VERSUS* O USO DA
TECNOLOGIA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Recife

2019

Fernanda Maria de Lima Ferreira

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: TRADIÇÃO ORAL *VERSUS* O USO DA
TECNOLOGIA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes e Tecnologias.

Orientador: Prof. Ms. Adriana Ianino

Recife

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

F383a Ferreira, Fernanda Maria de Lima.

A arte de contar histórias da tradição oral versus o uso da tecnologia contemporânea na educação infantil / Fernanda Maria de Lima Ferreira . – Recife, 2019.

38 f.; il.

Orientador (a): Adriana Ianino.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Artes e Tecnologias, Recife, BR-PE, 2019.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Contação de histórias 2. Tecnologias 3. Narrativas orais I. Ianino, Adriana, orient. II. Título

CDD 370

FERNANDA MARIA DE LIMA FERREIRA

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO ORAL *VERSUS* O USO DA
TECNOLOGIA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes e Tecnologias.

Orientador: Prof. Ms. Adriana Ianino

Aprovada em: 27/07/1019

Banca examinadora

Orientadora Professora Ms. Adriana Ianino

Examinadora Professora Ms. Èrica Montenegro

Examinadora Professora Ms. Niedja Santos

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a arte de contar histórias da tradição oral, e frente ao uso de ferramentas tecnológicas como uma ação facilitadora da prática pedagógica de professores da educação infantil. A presente pesquisa foi realizada na turma do infantil III, de uma Creche Municipal de Educação Infantil localizada na cidade do Carpina- PE, levantando um estudo comparativo entre o ato de contar histórias da tradição oral utilizando unicamente a comunicação verbal e o ato de contar histórias com o auxílio de apoio tecnológico contemporâneo; que neste caso, se caracterizou pela escolha e disponibilidade do equipamento de projeção de imagens. A fundamentação teórica está ancorada em autores como Bussato (2008), Benjamin (1993), Cisto (2001) e Velasco(2015), além de outros autores e documentos oficiais que versam sobre a relevância deste tema. Este estudo pretendeu investigar quais as diferenças entre a arte de contar histórias da tradição oral e por meio da tecnologiciana prática pedagógica de professores da Educação Infantil, no que diz respeito às possibilidades encontradas para a utilização de diversos recursos de contação de histórias na sala de aula.

Palavras-chave: Educação Infantil, Narrativas orais, Tecnologias.

ABSTRACT

This work presents a study about the art of story telling of oral tradition, and the use of technological tools as a facilitator of the pedagogical practice of early childhood teachers. The present research was carried out in the children's class III, from the Municipal Nursery School of Santa Teresinha located in the city of Carpina-PE, raising a comparative study between the act of telling stories of oral tradition using only verbal communication and counting stories with the help of contemporary technological support; which in this case was characterized by the choice and availability of the image projection equipment. The theoretical foundation is anchored in authors such as Bussato (2008), Benjamin (1993), CISTO (2001) and Velasco (2015), as well as other authors and official documents on the relevance of this theme. This study intends to subsidize ways for a better execution of storytelling in the pedagogical practice of teachers of Early Childhood Education, regarding the possibilities found between narratives of oral tradition and the uses of technological resources in the classroom.

Keywords: Storytelling, Technologies, Early Childhood Education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Contar histórias: uma arte de tempos imemoriais	11
2.2 O que são histórias da tradição oral?.....	14
3 A TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA FACILITADORA NO CONTEXTO EDUCACIONAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	20
3.1 A tecnologia e a contação de histórias na educação infantil: um encontro possível?	22
3.2 Metodologia	24
4 ANÁLISE	25
5 CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE A	36
APÊNDICE B	37

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma arte tão antiga quanto o próprio homem, é um ato ancestral que não se sabe ao certo em que tempo, local ou por quem foi criada. Porém, as incertezas em torno do seu surgimento em nada se assemelham com a certeza do seu poder transgressor e com o desejo do ser humano de poder expressar-se e dar significado as suas ações. A narração de histórias está profundamente enraizada no ser humano, a literatura oral, segundo Velasco (2018) “pode ser entendida como uma espécie de fundo rendado comum a cada cultura”. Neste percurso, identificamos que, diversas formas de apreciar ou de promover o ato de contar histórias vêm surgindo tanto em contexto escolar, como nos diversos outros espaços de fomento a leitura, e uma delas é a conectividade midiática.

Vivenciamos em tempo real, e diariamente, histórias que nos são contadas através de telas, mas felizmente são muitas as ações que incentivam a prática da contação de histórias por meio da narrativa oral, entretanto, ainda precisamos lançar um olhar carregado de sensibilidade e informação sobre a importância desta ação, especialmente no âmbito escolar, lugar que para muitas crianças marca o primeiro contato com os livros, a mediação de leitura e a contação de histórias.

Diante disto buscamos destacar um trabalho voltado para a o urdume da tessitura do ser humano, ressaltando os possíveis benefícios e as possibilidades de ação com a arte de contar histórias oriundas da tradição oral na educação infantil, associadas a crescente evolução tecnológica no campo da educação. Esta pesquisa foi desenvolvida numa Creche Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizada na cidade do Carpina – PE, os sujeitos participantes são alunos e professora de uma turma de Educação Infantil.

Justificamos a escolha de uma creche para esta pesquisa, por acreditarmos e compreendermos que é na primeira infância que o ser humano inicia o conhecimento de si mesmo e do outro e embora ele leve a vida inteira para vivenciar este conhecimento, entendemos ser na infância o momento em que o ato de contar histórias deve ser potencializado.

A escolha por este tema de pesquisa se dá através de escolhas e descobertas pessoais, em que foi possível aliar a nossa prática profissional, ao desejo de estudar um assunto que está

profundamente enraizado nos nossos corações e mentes. Diante disso escolhemos tratar de uma pesquisa qualitativa, por que entendemos ser este o tipo de pesquisa que mais se aproxima do contexto tratado, buscando fazer uma ponte de cunho empírico e bibliográfico, a respeito das diversas formas de se contar uma história no meio educacional investigando ainda possíveis diferenças e /ou semelhanças entre estas duas formas de contação de histórias.

Procuramos manter um estudo consciente e fiel para com a literatura da tradição oral em sala de aula, respeitando as diferenças da multiplicidade de possibilidades de contação de histórias, procurando fazer um estudo comparativo. Porém não desconsiderando a relevância desta arte no uso dos diversos meios tecnológicos encontrados ao longo da evolução da sociedade.

Nesse sentido, a ideia central da pesquisa está sustentada pela seguinte problemática: de que forma o ato de contar histórias da tradição oral, por meio de expressões corporais e de diferentes entonações vocais, se contrapõe ou não, quando se faz uso de recursos tecnológicos contemporâneos, como a exibição de imagens digitais?

A fim de contemplar a esta questão, o presente trabalho foi dividido entre corpo teórico e análise de dados. A fundamentação teórica inicialmente está amparada no suporte bibliográfico sobre a arte de contar histórias, o que são histórias da tradição oral e as relações entre professor contador de histórias e aluno ouvinte na educação infantil à luz de teóricos como Velasco (2015), Bussato (2012), Sisto (2001), entre outros.

No segundo momento, propomos uma reflexão histórica sobre a tecnologia no contexto educacional e seus principais benefícios, além de trazer argumentações sobre as relações entre a arte de contar histórias, atrelada ao recurso digital e a descrição do estudo feito na CMEI tratada nesta pesquisa.

Sendo assim, este tema suscita questões que transitam pelos campos de conceituação acerca da arte de contar histórias através da oralidade e por meio do uso de novas tecnologias; através da análise teórica e empírica de narrativas de histórias na Educação Infantil. Com relação ao processo metodológico, os instrumentos utilizados para este estudo foram propostos e aplicados pela pesquisadora com o auxílio da professora regente da turma. Além de entrevista semiestruturada realizada com a mesma.

Os dados colhidos foram analisados à luz da fundamentação teórica deste estudo. Buscamos achados diferenciais e semelhantes dos dois métodos de contação de histórias,

sendo realizada posteriormente, uma reflexão sobre estes dados e procuramos identificar qual método mais se aproximou dos sujeitos da pesquisa; no sentido de favorecer as relações de ensino tornando-as mais significativas e contextualizadas para o processo de aprendizagem nas práticas da Educação Infantil atuais.

Acreditamos que este estudo é importante porque contar histórias não se integra apenas como uma prática educativa, mas social, coletiva e libertadora de supostas estereótipos que se criam com relação à infância na creche. É um momento em que se materializa a condição de escuta das crianças e também do próprio professor que conta, além da construção de uma prática educativa integradora, questionadora e ativa, que se preocupa em pensar as narrativas orais como parte essencial da vida dos indivíduos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A maior parte dos habitantes da minha terra não sabe ler nem escrever. Mas eles sabem contar histórias. E sabem escutar. São pessoas que guardam essa meninice dentro de si e acreditam que esse olhar de criança é importante para ser feliz e produzir felicidade para os outros (COUTO, 2008, p. 38).

2.1 Contar histórias: uma arte de tempos imemoriais

As narrativas orais existem na história da humanidade desde o seu surgimento, é uma arte milenar que atravessa séculos e gerações e permanece viva até os dias atuais revelando a importância de um povo que guarda na memória a fantasia de histórias escutadas ao longo de suas vivências. Reunir pessoas ao redor de uma fogueira para ouvir contos e causos se revelava para os povos antigos como uma arte tão importante como respirar. A oralidade descortinava emoções, sentimentos e trocas de experiências que só as palavras bem ditas seriam capazes de oportunizar de forma verdadeiramente catártica.

Sobre isso Velasco (2008) nos diz que:

O homem pré-histórico já contava sobre suas batalhas, amores e aventuras nas pinturas rupestres, preciosas narrativas imagéticas. Desde as épocas mais remotas, quando a oralidade não tinha registro escrito, histórias têm sido compartilhadas como uma maneira de compreender o mundo e trocar relatos significativos, um meio de educação e preservação do conhecimento

(VELASCO, 2008, p. 22).

Neste percurso podemos afirmar que uma das principais buscas do ser humano é pelo pertencimento. O homem necessita sentir que é um ser pertencente a determinado grupo para alcançar a sua plenitude e integralidade, a sua história é permeada por estes momentos de busca em favor de alguns aspectos que se tornaram essenciais a sua existência tais como a imaginação, a socialização, a capacidade de criar, de transformar e de realizar.

As histórias trazem à experiência humana, uma oportunidade do homem encontrar seu lugar no mundo. O poder das narrativas orais revela uma força extraordinária que rompeu com o tempo e se faz presente, até os dias atuais, em diversos povos e lugares, isso por que contar e ouvir histórias é uma experiência essencial á sobrevivência humana, e trázna sua bagagem a origem de um vasto imaginário que explica os acontecimentos, o surgimento de povos, culturas, brincadeiras, músicas, entreoutros.

Assim entendemos que todo ser humano é um contador de histórias. Alguns aperfeiçoam esta arte e passam a contá-la profissionalmente, além de também usá-la em seu

cotidiano, outros contam e relatam suas vivências diárias ou de outras pessoas, através e, sobretudo, da oralidade.

Contar histórias é um ato misterioso, e que mistério é esse que faz esta arte perdurar desde a existência do ser humano? Que mistério é esse que encanta, seduz desperta e povoa corações e mentes de quem as ouve, os transportando para onde gostariam de estar? Que mistério é esse que integra, unifica e reúne trazendo saber e sabor?

Existe resposta absoluta para alguma atividade que faça parte de uma dimensão artística? A esta pergunta podemos afirmar que não. A arte de contar histórias mora no esconderijo mais certo de todo ser humano: o coração, e somente através dele e por ele é possível falar ao outro verdadeiramente.

Por isso, Bussato (2008, p. 17) nos diz que “contar histórias é uma arte rara e que todo contador de histórias é um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar”. E por ser uma arte ainda escassa na nossa realidade a contação de histórias bem como a figura do contador se afasta cada vez mais das novas gerações, os momentos de reunir as pessoas para contar histórias oriundas da literatura oral vem crescendo na nossa sociedade, mas de forma bem tímida e pouco percebida.

A passagem oral das histórias é uma grande riqueza para o fazer humano, pois através dos séculos, foi capaz de conservar apenas com o registro imaterial, a oralidade, histórias que até hoje conhecemos. São as chamadas “histórias de boca” ou histórias da tradição oral, narrativas das memórias de um povo que nunca deixou de existir e que não permitiu que esta performance fosse apagada.

Na história da humanidade sempre existiram personagens que deixaram a chama da oralidade de apagar. Na história da literatura e da cultura oral no Brasil, o crítico Silvio Romero foi um dos primeiros a discutir e trazer referências sobre esse assunto. Para Romero (Apud Schneider, 2009, p. 11) “a literatura, compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: política, economia, arte, criações populares e ciências” e nesse sentido a oralidade se constitui como a principal representante das histórias dos povos que chegam de geração a geração.

As histórias de tradição oral não são compostas por vestígios ou migalhas do passado, ela é uma arte que permanece como palavra, que se renova e transforma na boca de cada pessoa que a conta, apesar de toda a força dos meios tecnológicos e da comunicação que tenta

massificar as relações humanas e por vezes torná-las invisíveis na sociedade. Sobre isso BARROS (2002, p.68) nos diz que

A composição oral sempre foi caracterizada como um texto de muitas vozes, de muitos autores, pela tradição da transmissão oral. O ouvinte, no momento de escuta, elabora o seu modo de interpretar o que ouve, tornando-se um possível criador. Segundo Roberto Da Matta, "o mundo é abertamente brincado e cantado por todos" 34 , porque todos contam suas próprias histórias e descobrem que estão inseridos numa mesma sociedade e mundo, porque é através da voz, da música e das brincadeiras que a história é cantada e brincada.

Para Benjamin (2008) a arte de contar histórias está em vias de extinção, e isso acontece por que as pessoas já não partilham mais suas experiências, não são e nem estão motivadas a viver a narrativa oral, apesar da grande efervescência e visível aumento progressivo de pessoas interessadas nesta arte. Infelizmente, muitos contadores de histórias estão desaparecendo entre os povos de origem mais tradicional, sendo engolidos por uma onda tecnológica e midiática.

Por outro lado, a arte de contar histórias vem sendo revivenciada em diversos outros espaços formativos como escolas e outras instituições educativas e também em outros contextos informais. As escolas vêm gradativamente permitindo à criança pequena se aproximar do seu genuíno contexto de infância, dando oportunidade para que a mesma tenha um maior desenvolvimento em diversos tipos de habilidades, através das histórias.

A importância de aproximar a criança da literatura, nas suas mais diversas vertentes, vem se caracterizando, assim, como uma recorrente preocupação dos profissionais da área e dos diversos documentos oficiais e de políticas públicas nacionais que norteiam este campo.

Neste sentido, podemos afirmar que o homem é um ser essencialmente narrativo, e por linguagem não entendemos só aquela advinda “da boca”, mas também de todas as formas de expressão e de escrita, seja por meio do corpo, do olhar, do falar, o ser humano quer de uma forma ou de outra marcar a sua passagem no mundo e alguns os fazem contando histórias. Por isso, para Bussato (2012, p. 28) “estudar a literatura de tradição oral é também uma forma de perpetuar a nossa cultura e a nossa história”, nesse sentido a oralidade é mais do que a simples definição que nos fala da passagem de geração a geração, é não só isso, mas também torna-la eterna na memória e no coração.

2.2 O que são histórias da tradição oral?

Somos seres constituídos de histórias, a nossa essência é narrativa e o que nos caracteriza como seres humanos é o pertencimento a essas histórias. Uma das formas mais primitivas que o homem encontrou para se comunicar foi através da oralidade e por meio dela expressar opiniões, sentimentos e trocar informações.

È comum, encontrarmos pessoas que não sabem ler nem escrever, mas que são detentoras de verdadeiros tesouros e arcabouços históricos da memória de um povo, expressando uma incrível memória auditiva e demonstrando destreza na apropriação e propagação de diversos contos.

Sobre a literatura de tradição oral Cascudo nos diz que:

O termo foi criado por Paul Sebillot (1846-1918), no seu *Littérature Orale de la Haute Bretagne* (1881) e reúne miscelânea de narrativas e de manifestações culturais de fundo literário, transmitidas oralmente, e por processos não-gráficos. Essa miscelânea é constituída de contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos, orações, frases-feitas tornadas populares, estórias (CASCUDO, 2006. p. 26).

As expressões: literatura oral, contos populares ou folclore fazem parte da mesma família e se caracterizam por revelarem estudos e vivências sobre a memória de um determinado povo. O autor supracitado diz que os contos populares devem ser o nosso “primeiro leite intelectual” e os caracteriza em quatro vertentes, sendo eles: a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência, explicando que “é preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais” (CASCUDO, 2006, p. 39).

Segundo Coelho (2002) os contos de tradição oral foram ganhando força pelo Brasil, desde a época das migrações e explorações territoriais, neste período muitos povos de outras nacionalidades que foram trazidos para solo brasileiro encaravam a dureza de suas vidas espalhando diversas lendas, mitos, e histórias, estes contos foram sendo misturados ao imaginário brasileiro e ganhando força, detalhes e registros diferentes nas várias regiões do país. Podemos dizer que é isso que caracteriza a tradição oral, o fato dela nunca se repetir, seja através do contador, seja encontrada em diversas regiões do país, uma história cujo tenha o mesmo título ou mesmos personagens nunca será recebida da mesma forma por quem a conta ou por quem a ouve, é uma experiência singular que transmite o plural.

A memória da humanidade é a representação da tradição oral, a universalidade deste

tipo de conto se adapta como um camaleão as diversas culturas, povos e épocas. Segundo estudos de Lévy (2010) o conceito de oralidade pode ser dividido em duas vertentes: primária e secundária. A primária representa a importância da palavra anterior à adoção da escrita e a secundária apresenta uma relação de complementação entre palavra e escrita da forma como conhecemos atualmente.

A **oralidade primária** está presente, sobretudo, nas sociedades em que a palavra falada ainda é a fonte de principal referência dos indivíduos, está relacionada aos contos, danças e diversos tipos de expressões corporais e **oralidade secundária** está presente em grupos sociais que tem uma maior facilidade e relação com o texto, são mentes treinadas para lidar com o processamento somente das informações necessárias ou tidas como fundamentais aos indivíduos.

As narrativas de tradição oral são patrimônio imaterial e cultural da humanidade e a sua existência remontam a tempos imemoriais. Elas estão presentes em toda forma humana de pensar e fazer literatura, seja ocidental, seja oriental. Estudos de Coelho (2002) ainda nos indicam que alguns nomes foram responsáveis por serem os primeiros na história da tradição oral e coletar e registrar os contos, até então presentes apenas no imaginário popular, são eles Charles Perrault e os irmãos Grimm.

O primeiro a ganhar destaque pela originalidade e fidelidade ao que coletou, bem como sua fácil compreensão na escrita das histórias foi o francês Charles Perrault (1628-1703). Ele recolheu incontáveis histórias conhecidas até hoje, como Cinderela, O Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho entre outras, tendo registrado algumas delas em 1697 no livro intitulado Contos da Mãe Gansa, Perrault inaugurou um estilo simples voltado para todos os públicos, mas ganhando notoriedade com o público infantil a partir desta última obra citada.

Em seguida temos os Irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), conhecidos como os Irmãos Grimm. Eles também foram responsáveis por reavivar o folclore de seu país, coletando histórias de amigos, conhecidos e da sociedade em geral da época, tendo registrado inúmeras histórias do imaginário popular.

Entre 1898 e 1986, temos no Brasil um dos mais importantes e conhecidos pesquisadores da cultura e literatura popular brasileira, o natalense Luís da Câmara Cascudo, que passou toda a sua vida se dedicando à escrita e ao reavivamento da memória e coleta

sobre estudos do nosso folclore e dos contos e tradições do povo brasileiro.

Poderíamos citar diversos outros nomes de pessoas que fizeram ou até hoje se dedicam ao estudo desta arte, mas é necessário lembrar do trabalho de pessoas que em épocas totalmente escassas, em vários sentidos, foram corajosas e decididas o suficiente para dar espaço ao trabalho que muitos realizam hoje.

Assim, é possível entender que as histórias da tradição oral abarcam uma parte essencialmente importante da história da humanidade e sempre estão em constante renovação e abrindo espaço para que um novo indivíduo possa interagir com a mesma. As narrativas da tradição oral tem como marca a universalidade e democracia, permitindo assim que todos possam contá-las da sua maneira e com elas se encontrarem quando ou como quiserem.

2.3 A contação de histórias na educação infantil: a relação entre professor - contador e aluno - ouvinte

Muitos são os estudos que tratam e comprovam sobre a importância do momento da contação de histórias na Educação Infantil. A escola vai ser para algumas crianças o lugar onde elas terão o primeiro acesso ao livro e as histórias, por isso é muito importante que os professores se identifiquem com esta arte e saibam utilizá-la de modo que possam verdadeiramente comungar do mesmo universo da criança.

A maioria das escolas ainda utiliza as histórias e o momento narrativo como pretexto para abordar algum assunto de seu interesse ou data comemorativa. No entanto, é importante lembrar que todo momento de contação de história no ambiente escolar tem alguma finalidade, mas não podemos esperar que os alunos apenas ouçam as histórias pela simples interpretação de texto, ou pela dóida e massacrante lição de moral. Eles precisam ouvir muitas histórias, sobretudo para adentrar em outros territórios da infância, dialogando ou plantando a semente literária seja naquele momento, no outro dia, ou dali a 10, 20 anos. Sobre isso Machado (2010) nos dizque:

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não é querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo “querer produzir um tal efeito”, e sim entender que para cada uma delas aquela história, traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento. É como se ela pudesse pelo reino das possibilidades de significar, reinventando para si mesma a sua história naquele momento (MACHADO, 2010, p. 12)

A contação de história registra uma necessidade explícita de criar novos olhares e linguagens sobre a instituição escolar. Neste contexto a educação infantil deve ser permeada pela fase do faz de conta, da ludicidade e por uma aprendizagem criativa, exploratória e capaz de estimular as descobertas e necessidades de cada criança. Machado (2010) ainda nos diz que os contos na aprendizagem de conteúdos escolares, devem partir da sua significação para o estudo proposto e não o inverso.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, p. 35) a educação infantil é “a primeira etapa da educação básica, além de ser o fundamento do processo educacional e muitas vezes significar a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada”. Neste sentido o desenvolvimento das crianças nesta etapa está fundamentada na vivência das mesmas em diversas dimensões, como o cuidar, o brincar, a presença da ludicidade por meio da aprendizagem e a presença das primeiras imersões nas linguagens artísticas como uma forma de favorecer as potencialidades do corpo, da voz, da sensibilidade.

A BNCC ainda nos traz a importância de apresentar as histórias para crianças da educação infantil, nas suas mais diversas formas, seja ela contada ou lida, ou até mesmo com o auxílio de algum suporte digital. A criança que ouve histórias na escola tem a oportunidade de começar a enxergar o mundo de outra maneira, essa ponte construída entre o real e o imaginário permite que a criança possa identificar experiências já vivenciadas e saber lidar com elas de maneira saudável.

A rotina, muitas vezes, enfadonha e cansativa na sala de aula é transformada quando o professor entra no mundo da criança e ele consegue fazer isso através de diversas maneiras, uma delas é a contação de histórias. A educação infantil, por muito tempo foi considerada como uma fase de cunho assistencialista, onde se acreditava que as crianças deveriam receber apenas os primeiros cuidados relacionados à higiene, alimentação e cuidados básicos destinados a esta primeira fase da vida.

Segundo Velasco (2018) no período que compreende a transição do século XVII para o século XVIII, a visão que se tinha da criança era bem diferente da que temos hoje. O contexto de infância ou de ser criança não existia, por isso elas tinham as mesmas atribuições de um adulto e compartilhavam com eles a mesma cultura literária. Com a ascensão da burguesia, as famílias foram se reestruturando e as crianças passaram a ser vistas como seres diferentes dos adultos, foram surgindo adaptações de histórias voltadas para este público e

percebendo-se a necessidade de uma estrutura mais lúdica, prazerosa e cognitiva para as mesmas.

Diante disso é possível entender que o século em que vivemos já traz muitos avanços com relação a visão do adulto para com a criança, e com relação as ações que devem ser voltadas para o seu desenvolvimento integral. A figura do professor contador de histórias aparece na educação infantil, como uma ponte entre os livros e as histórias e se constitui como um importante papel educacional. Segundo Afonso (2009) interagir com o ouvinte durante a contação, mediação de uma história é construir uma forma de aproximar as pessoas afetivamente, e esta é uma prática fundamental para o “desenvolvimento de comportamentos éticos e de uma percepção estética mais apurada” (Afonso, 2009, p. 6)

É comum encontrarmos professores de Educação Infantil que não se consideram contadores de histórias, estes estão tão completamente imersos numa prática que os prendem a processos metodológicos engessados que não percebem que todo professor, independente do nível em que esteja atuando é um contador de histórias, porém acreditamos que a Educação Infantil é a fase de principal notoriedade para a vivência com os contos, sobretudo aqueles retirados da tradição oral, por que através deles se abrem infinitas possibilidades de representação do que está sendo vivido. Existe um ato de doação entre quem conta e ouve histórias. Neste processo, o contador ou o professor, entregam afeto, sensibilidade, encantamento e em troca recebe olhares, ouvidos e corações que fazem a narrativa adentrar num campo de novas tessituras e descobertas.

Contar uma história seja ela pra qual público for não é tarefa fácil, sobretudo por que vivemos em tempos frenéticos que fazem os sujeitos ainda serem insuficientes na arte da escuta, por isso é necessário que o contador saiba transportar os ouvintes para dentro da história através de uma linguagem carregada de expressão, emoção e reconhecimento de si mesmo e do outro através da narrativa.

O professor que é um contador de histórias deve, em primeiro lugar, entender o poder desta arte, gostar e se identificar com a história que vai contar, além de ter um conhecimento prévio sobre a plateia para a qual irá se apresentar. É importante que as histórias devam ser adequadas para a faixa etária ou necessidades das crianças, pois isso irá garantir que a história tenha um fio de condução que não seja rompido.

Neste processo trazemos a certeza dita na frase de Sisto (2007, p. 40 Apud Carvalho e

Pereira, 2016, p. 210) “contar histórias emancipa tanto quem conta, quanto quem ouve”, assim entendemos quem conta história conta antes a sua própria história e reconhecendo esse fato, o professor pode então se enxergar verdadeiramente como um contador de histórias que faz a diferença na vida de quem o escuta.

Nesse sentido trazemos a pequena história de Dan Yashinsky, mencionada por Regina Machado, em seu livro *Acordais Poéticos* (2010, p. 23) que demonstra o poder que os contadores de histórias têm ao resignificar e dar sentido ao mundo e as coisas por meio da arte da palavra.

Uma vez, um antropólogo chegou numa tribo africana no mesmo dia em que uma televisa foi levada para aquele lugar. Todos os habitantes da aldeia passaram três dias em volta do aparelho, assistindo a todos os programas com grande interesse. Depois abandonaram a televisão e não quiseram mais saber dela. O antropólogo perguntou- lhes se não iam mais assistir aos programas.

- Não - disse um deles -, preferimos o nosso contador de histórias.

- Mas a televisão- retrucou o antropólogo – não conhece muito mais histórias do que ele? Pode ser – respondeu o homem-, mas o meu contador de histórias meconhece.

Esse relato nos permite compreender que a relação entre quem conta e quem ouve histórias é bem mais intensa e renovadora do que se pode pensar, é a arte de promover encontros carregados de histórias que segundo Bettelheim (2015) chegam a cada pessoa de uma forma única e diferente.

Cada ouvinte vai fazer a sua interpretação e retirar aquilo que o seu momento lhe pede, é uma experiência que nunca irá se repetir. È de um efeito arrebatador, sobre isso Machado (2010) nos indaga: O que acontece quando alguém conta uma história, que efeito é esse que une as pessoas numa experiência singular? O que é possível reavivar dentro de alguém que ouve uma história bem contada? O que o contador consegue extrair daquele momento? Sem dúvida, quando o contador conta uma história para alguém, primeiro ele está contando esta história para si mesmo e essa autoafirmação é extremamente necessária para convidar quem ouve a embarcar nesta aventuraliterária.

Quando abrimos janelas dentro de nós mesmos estamos permitindo que as histórias possam sair livremente para alcançarem os lugares mais secretos, os esconderijos mais impensados. È exatamente nesta penumbra de mistério que as histórias decidem morar, e o

papel do professor que quer mergulhar nas histórias é revelar estes lugares, estando atentas as características do seu público.

O narrador e o ouvinte devem estabelecer uma relação de troca de experiências e, neste processo, o olhar é uma característica essencial. É através do olhar que o contador de histórias consegue construir a sua ponte para ir de encontro ao ouvinte deve ser um olhar que não constranja, mas que convide e permita passagem. O olhar desperta a imaginação e os ouvidos são a memória do coração, o sujeito que se coloca numa posição de escuta já deu o primeiro passo, já disse ao contador sem a comunicação verbal que quer ser convidado para o banquete narrativo, ao contador de histórias cabe tocar-lhe o coração e eternizar aquele momento.

3 A TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA FACILITADORA NO CONTEXTO EDUCACIONAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A tecnologia está presente em nosso cotidiano em vários aspectos e engloba várias ferramentas que são indispensáveis em nossas vidas. Atualmente estamos vivenciando um grande avanço tecnológico, entretanto, a maior parte da sociedade conhece a tecnologia como sendo apenas aquela que representam os smartphones, computadores, tablets, ou outras telas, não sabendo que as ferramentas tecnológicas vão além disso e estão mais próximas do que imaginamos.

Quando uma criança nasce ela já está inserida nesse contexto digital, e não é diferente ao longo de sua vida. A tecnologia é um esforço humano de tornar os objetos ou de criar outros objetos ou situações que sejam capazes de suprir alguma necessidade, não podemos nos afastar deste contexto tecnológico por que ele já está enraizado em nossas histórias de alguma forma.

No contexto educacional, os profissionais devem saber utilizar a tecnologia de maneira que haja a integração de todos os sujeitos. Cada nível educacional exige uma relação diferente com as ferramentas tecnológicas, porém, é necessário que os professores saibam utilizar o que eles têm à disposição em favor da aprendizagem.

Existem inúmeros jogos, sites e aplicativos educativos disponíveis hoje, canais no YouTube, atividades na internet e diversas outras maneiras de utilizar as ferramentas tecnológicas em favor da educação. Mas também é interessante refletir que nem toda

tecnologia na escola está disponível apenas dentro de uma tela, a escola em si já é uma tecnologia segundo estudos de Censi e Santinello (2009). Neste processo, se entendermos a educação como uma tecnologia, que deve ser mediada, será possível tornar os professores mais conscientes quanto aos usos das ferramentas tecnológicas direcionadas ao ensino e aprendizagem.

Estamos vivenciando um século em que a educação já não se acomoda mais numa lógica ou aprendizado que combine alunos sentados de frente para um quadro. Existe uma constante pressão, que até certo ponto é positiva, para que os meios de aprendizagens se consolidem através de diferentes estratégias de conhecimento.

Falar em tecnologia, ainda limita a maioria dos professores e da sociedade às telas, como anteriormente, mas a questão central é como utilizar esta tecnologia em favor dos benefícios que se pretendem alcançar na escola e sobre isso Carvalho (2007, p.12, *apud* BITTENCOURT, 2009, p. 6) nos diz que a tecnologia é:

A capacidade de perceber, compreender, criar, adaptar, organizar e produzir insumos, produtos e serviços. Em outros termos, a tecnologia transcende a dimensão puramente técnica, ao desenvolvimento experimental ou à pesquisa em laboratório; ela envolve dimensões de engenharia de produção, qualidade, gerência, marketing, assistência técnica, vendas, dentre outras, que a tornam um vetor fundamental de expressão da cultura das sociedades (CARVALHO, 2007, p. 12 *apud* BITTENCOURT, 2009, P.6)

Os aparatos tecnológicos que compõem a educação de uma forma geral são muitos, porém, esta pesquisa trata sobre o uso destes mais especificamente no âmbito da Educação Infantil e sabemos que embora em princípio, possa haver uma certa dificuldade com relação a faixa etária das crianças, também é claro que todas já estão inseridas neste mundo antes mesmo de chegar a escola.

Desta forma é preciso considerar o que as crianças já trazem de bagagem ao chegar na escola, e usar isso a favor do que se pretende ensinar através do uso das tecnologias. Não é discutir sobre o uso das tecnologias como meio essencial de aprendizagem, mas como nos dizem os estudos de Machado (2004) buscar alternativas para ter o mínimo de consciência sobre o seu uso e as suas possibilidades de exercício na escola.

Assim, a tecnologia na educação deve ser considerada como uma forma de propiciar a vivência de novas experiências, bem como a diversidade no que se refere as propostas de aprendizagem. São recursos pedagógicos cujo uso deve ser bem planejado e sistematizado

pelo professor, a fim de redimensionar a prática docente para novas propostas educativas.

3.1 A tecnologia e a contação de histórias na educação infantil: um encontro possível?

Já vimos no decorrer deste estudo que o ato de contar histórias é tão antigo quanto o próprio homem. Com o advento da globalização e de novos aparatos tecnológicos, não existe mais distância que impeça a vivência de novas experiências. Assim, os recursos tecnológicos surgem para nos proporcionarum novo olhar com relação as nossas atribuições, seja no contexto escolar ou fora dele, em relação á contação de histórias.

A característica essencial da arte de contar histórias é a oralidade, essa é a base do seu contexto, e se conhecemos muitas destas histórias, já sabemos que é graças ao poder da palavra passada de geração a geração. Porém, diversos recursos vem surgindo para fazer com que este momento tenha uma nova abordagem, e é imprescindível que o professor esteja aberto a estas inovações e incorpore em sua prática educativa novas formas de vivenciá-la para além da cultura do papel.

Contar histórias através de recursos tecnológicos é um caminho consideravelmente novo no contexto educacional, levando-se em consideração que muitas escolas só possuem o mínimo para se manterem abertas e em funcionamento, assim, a contação de histórias com novos recursos tecnológicos implica numa nova abordagem, num novo olhar. Diante desta afirmação, temos um desafio gerado: se as escolas tem poucos recursos, aplicar a contação de histórias aliada a tecnologias seria um processo viável no contexto escolar?

È importante atentarmos para as constantes mudanças que vêm ocorrendo no cenário educacional e estar disposto a encará-lo antes de tudo, sobre isso Meira (2017) afirma que: a educação está em constante processo de mudança e se todos os agentes que acompanham e estão ao redor do processo educacional não acompanharem esta mudança, eles assumiram a posição de irrelevantes, se tornando ultrapassados e deixando de atender as demandas exigidas pelo seu contexto, serão substituídas pelas infintas possibilidades de aprendizagem

A escola jamais se tornará viva e dinâmica se os educadores não souberem utilizar as ferramentas disponíveis a favor do ensino- aprendizagem, e neste contexto e preciso entender que a tecnologia está muito mais presente no cotidiano e nas tarefas diárias do que apenas numa tela. A própria escola se encarada com um olhar crítico e reflexivo já é a própria tecnologia, bem como o relógio que está pendurado em algum lugar, ou a luz que ilumina

determinado espaço, entre tantos outros e pequenos detalhes, apesar dos estudos de Benjamim (1993) nos apontarem que a narração de histórias está em vias de extinção pela inserção dos novos recursos tecnológicos e os níveis de produção da sociedade, é possível enxergar o quanto esta arte vem crescendo e sendo praticada pelas pessoas de diversas idades e nos mais diversos lugares, a figura do contador de histórias segundo Matos e Sisto (2005 e 2001, *apud* FLECK, 2009, p. 11), “ressurgiu a partir da década de 1970, em vários países do mundo, e foi um retorno, no mínimo, surpreendente, tendo em vista a industrialização, a urbanização e a enorme gama de estímulos científicos e tecnológicos que existem na sociedade contemporânea.”

Entretanto, sabemos que contar histórias na contemporaneidade, numa sociedade cada vez mais mergulhada na era da informação midiática e dos diversos tipos de recursos tecnológicos, não é uma das tarefas mais fáceis, exige entrega, comprometimento e estudo. O século em que vivemos exige da sociedade novas formas de lidar com a palavra falada ou escrita, e é preciso estar atento à modernidade e as novas formas educativas que ela trás, para lançarmos sempre um novo olhar a este contexto.

Na educação, fala-se muito sobre a importância da tecnologia, atualmente, mas ainda poucas são as ações que permitam ou incentivem essa prática, ou que quando existem sejam utilizadas corretamente. Segundo Jonassen (2007, *apud* BRUZZI 2016, p.476)

A utilização significativa e crítica de recursos digitais, computadores, etc., contribuem para a construção e apropriação de conhecimentos dos sujeitos e a partir disso permitem que professores e alunos possam conhecer melhor a sua realidade paratransformá-la.

È um fato, que a inserção da tecnologia na sala de aula deve ser algo prazeroso, um espaço de liberdade que permita ao estudante explorar mais, através de outras ferramentas as suas potencialidades. A realidade de uma sala de aula pode ser assim alterada desde que nas relações de ensino e aprendizagem a utilização da tecnologia seja feita de forma planejada e com objetivos.

O modelo educacional que conhecemos já não existe mais e segundo Nóvoa (1992), embora estejamos a freqüentando-a, a escola de hoje enquanto termos futuros não se sustentará, isso por que é preciso modificar totalmente a forma como a encaramos, é preciso fazer algo novo e totalmente diferente do que é visto todos os dias. Mas sem buscar algo fora do normal ou comum, por que sabemos que muitos dos bons trabalhos e projetos que estão em

prática nas escolas, foram de iniciativas de professores “comuns”, mas que enxergam a docência como ponte para o diálogo entre a comunicação com o aluno.

Nesse sentido devemos pensar que um dos propósitos da contação de histórias é interagir com a comunidade escolar de maneira geral e é preciso que os educadores estejam atentos às novas formas de imersão que surgem deste contexto gerando novos olhares e expectativas para com o uso dos recursos tecnológicos no contexto escolar.

Para Busatto (2008, p. 25), “o contador de histórias encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias”, assim acreditamos que a tecnologia no contexto da contação de histórias pode gerar inúmeros benefícios desde que não seja colocada como prática única e absoluta. Alguns professores já trazem essas práticas para o seu cotidiano, mas ainda não tem plena convicção disso, por isso, é importante que cada vez mais haja uma difusão de conhecimentos destas novas formas de ensino e aprendizagem no contexto educativo.

2.2 Metodologia

Tratando da contação de histórias como um recorte da linguagem artística, o presente tema foi estudado por meio de um viés comparativo entre a arte de contar histórias através da oralidade e através do uso das ferramentas tecnológicas. A pesquisa qualitativa se preocupa com um universo de questões profundamente particulares e voltado para o uso das relações entre os sujeitos. De acordo com os estudos de Minayo (1994), o seu tecer norteia um bordado “de significados, motivos, aspirações, crenças valores e atitudes”. Diante disso, a presente pesquisa se preocupou na proposta de um estudo de abordagem qualitativa, porque esta norteia as questões de cunho social a respeito do tema de estudo.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa para coleta de dados foram a entrevista semiestruturada, a contação de histórias por meio de recursos verbais e tecnológicos e os registros que englobaram fotografias e vídeos. Sobre a entrevista semiestruturada podemos ainda citar Minayo (2012) que a classifica como um instrumento de interação social que permite que o entrevistado tenha as suas experiências valorizadas e se sinta à vontade para trazer respostas livres e espontâneas. Os instrumentos citados, respectivamente, foram importantes para o presente estudo de pesquisa porque permitiram que, tanto o objeto de estudo quanto os sujeitos da pesquisa, pudessem participar de maneira ativa nos cenários em

que estão inseridos.

A presente pesquisa foi desenvolvida numa Creche Municipal de Educação Infantil (CMEI) localizada na cidade de Carpina- PE. Os sujeitos participantes são crianças com idades entre 2 anos e meio de 3 anos, além da professora regente da turma. Para a coleta de dados utilizamos uma entrevista semiestruturada e observações *in loco*. Segundo Gil (1992) existem vários tipos de entrevistas em pesquisas qualitativas, a pesquisa semiestruturada permite um maior grau de espontaneidade e subjetividade nas respostas obtidas, as perguntas podem ser abertas ou fechadas e o grau de liberdade do entrevistado é maior com relação a exposição de suas opiniões.

4 ANÁLISE

A importância e a contribuição da arte de contar histórias na Educação Infantil é inegável, pois a infância se constitui como a fase em que o incentivo, a imaginação e ao faz de conta mais devem estar presentes. Quem conta histórias deve buscar em primeiro lugar despertar nos seus ouvintes o prazer literário, o gosto pela escuta e posteriormente pela leitura, mas antes é de suma importância que o professor ou contador de histórias saiba em que solo está pisando, qual o contexto do público que estará presente.

Segundo registros apresentados pela gestora da instituição, a creche onde foi desenvolvida esta pesquisa foi fundada em 1976 pelo Pe. José Rolim Rodrigues, na sua abertura contava com 30 crianças, divididas em 15 meninas e 15 meninos todos com idade de berçário. Atualmente a creche conta com o apoio da prefeitura da cidade e da paróquia da mesma para se manter.

A creche possui uma sala multimídia, onde estão disponíveis para os alunos duas estantes com livros, aparelho de TV, um teatro de fantoches e alguns brinquedos. A creche conta com 119 alunos, distribuídos no total de seis turmas, todas da creche, com idade entre 2 e 5 anos. Deste quantitativo, apenas duas turmas da educação infantil e funcionam em horário integral, que são as turmas com crianças de 3 e 4 anos, por questões de estrutura financeira segunda a gestão da mesma.

Quadro 1 - Aparatos tecnológicos presente na creche

Aparato	Local	Quantidade
Computador	Secretaria	1
TV	Sala multímida	1
Projektor de imagens	Sala Multimidia	1
Aparelho de som	Secretaria	2
Aparelho de Ar condicionado	Salas de aula	4

Fonte: Elaborado pela autora

A turma onde foi desenvolvido frequenta o horário integral, que de segunda á sexta se estende das 7.30 h às 16.30, os dois turnos contam com professoras diferentes que também trazem conteúdos diferenciados para as crianças. O primeiro contato com a instituição aqui citada, foi com a professora da turma que me relatou o cotidiano da mesma, e respondeu a uma entrevista semiestruturada composta de seis perguntas, elaborada especialmente para esta pesquisa, a partir das respostas foi possível pensar e repensar no momento de contação de histórias que fosse mais próximo tanto dos objetivos desta pesquisa quanto da realidade dos alunos.

Sobre a entrevista, de um modo geral, Duarte (2004, p. 215) nos diz que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não este- jam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

A partir deste conhecimento, foi possível partir para a elaboração de um roteiro de perguntas que permitiram a realização e condução de uma entrevista semiestruturada com a professora regente. A mesma tem graduação em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia e cursa especialização em Educação Inclusiva, tem 15 anos de experiência na docência em Educação Infantil. Na entrevista, abaixo a docente respondeu espontaneamente

às perguntas que foram desenvolvidas pela pesquisadora e que foram responsáveis por suscitar maiores impactos para o desenvolvimento e aplicação posterior da presente pesquisa.

A entrevista que foi aplicada para esta pesquisa tem neste momento as respostas analisadas considerando os critérios da análise qualitativa e retomando aspectos detalhados no referencial teórico, desta forma quando perguntada sobre o que é contação de histórias (Q1) a professora afirma que é estimular a imaginação dos alunos, trabalhar a oralidade deles, principalmente na faixa etária em que se encontram, afirmando que é uma prática transmissora de conhecimento, incentivadora do gosto pela leitura e ampliadora do vocabulário.

Sobre a importância da contação de histórias na Educação Infantil (Q2), a professora disse que acha uma prática muito importante por que trás muitos benefícios, incentiva e desenvolve a percepção e representação simbólica partindo do imaginário para o concreto, além de acreditar que estimula a criatividade, as diversas expressões, e as interações entre os próprios alunos em sala e dos alunos com outros sujeitos fora da escola

Com relação a regularidade dos momentos de contação de histórias na sala de aula (Q3), a professora nos responde que conta histórias uma vez por semana, ou mais vezes, quando o calendário escolar e as tarefas permitem. Quanto ao uso dos recursos tecnológicos durante a contação de histórias e as suas possíveis funções (Q4) a professora disse que utilize o que tem disponível para ela na creche por que é uma maneira de prender mais a atenção dos seus alunos, nos relatando que sempre usa projetor de imagens, ou alguma dinâmica com som.

Quando questionada as suas escolhas com relação as histórias que conta para seus alunos (Q5) a professora disse que escolhe de acordo com os acontecimentos da sala, quando acontecem muitos episódios de mordida, de empurrar, tentando escolher histórias que ajudem as crianças a se respeitarem e também histórias que ajudem eles a desenvolver a imaginação.

Durante a entrevista buscou-se transmitir ao máximo um clima de liberdade e espontaneidade para que a professora não fosse influenciada de alguma forma pela pesquisa durante a resposta e assim, o questionamento que finalizou a entrevista foi com relação a formação do professor pedagogo. Questionamos (Q6) se a professora considerava importante para a sua prática ter alguma formação na área de contação de histórias? E de que forma isso poderia ser importante para a sua práxis pedagógica. A professora respondeu que ela ama contar histórias, mas não tem tanta técnica quanto as pessoas que tem algum curso, ela nos relatou que se veste com roupas coloridas, muda a entonação da voz, mas sabe que se tivesse

algum curso ou formação se sairia melhor nas histórias que conta para seus alunos.

Esta entrevista foi a primeira percepção a respeito do que a professora entendia, ou havia vivenciado sobre o universo da contação de histórias e nos permitiu criar estratégias para o momento que foi vivenciado posteriormente com a turma a partir de duas vertentes: as histórias por meio de narrativas orais e as histórias por meio do uso de ferramentas tecnológicas.

Os dados colhidos foram analisados, à luz da fundamentação teórica deste estudo, os achados diferenciais e semelhantes dos dois métodos de contação; realizando uma reflexão sobre estes achados e buscando identificar qual prática torna-se mais significativa para o processo de aprendizagem dos alunos de Educação Infantil. A creche foi visitada duas vezes, no primeiro momento foi feita a entrevista com a professora da turma e no segundo momento fomos a sala de aula para a realização de dois momentos de contação de histórias, a primeiro por meio das narrativas orais e o Segundo por meio do auxílio de alguma ferramenta tecnológica.

Em princípio havíamos solicitado que a professora regente pudesse realizar os dois momentos de contação de história com a sua turma, porém entendemos que a presença da pesquisadora para realizar e aprofundar o momento de contação de histórias iria agregar mais experiências e descobertas para a presente pesquisa. Foi escolhida a história “A lenda do Jurutaí”, oriunda da tradição oral colhida dos povos indígenas.

Para o momento presente e reuni as crianças em círculo, fiz um momento introdutório para a história e em seguida realizei o primeiro momento de contação da história utilizando a narrativa oral, como principal base e dois objetos. O primeiro representou a *lua*, era uma forma geométrica circular que em seu formato e cor muito se aproximou da aparência do personagem *lua*, e o segundo objeto representava o pássaro *Jurutaí*, que foi uma elaboração mais abstrata com uma espécie de criação em bambolê e tiras de tecidos.

Foi possível perceber que as crianças interagiram com a história através do seu enredo. Em nenhum momento elas questionaram que o objeto redondo, apresentado para representar o pássaro, com tiras de tecido não poderia ser exatamente um pássaro, entretanto ao mostrar um objeto com aspecto praticamente igual ao da lua, eles não esboçaram nenhuma reação quando questionados sobre o que poderia ser aquele círculo no céu a noite, percebi então a necessidade de fugir da obviedade e do quanto era importante propor as crianças a presença

de objetos e de outros momentos que as façam refletir, que as incomodam, que as façam “sair do lugar”.

Quando o pássaro Jurutaí voou num determinado momento da história, uma criança interrompeu e disse: “*tia os passarinhos voam assim (fez o movimento das asas batendo nos braços)*” e ao decorrer da história cada criança se mostrou única na sua forma de recebê-la, algumas sentiram a necessidade de expressar o que estavam sentindo e como estavam participando da história através do seu corpo, outras preferiam ficar caladas e quietas mas a viagem que elas estavam fazendo ali sem sair do lugar era perceptível, suscitando neste momento os estudos de Abramovich (2009).

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (ABRAMOVICH, 2009, p. 35)

À luz da fundamentação teórica deste trabalho foi possível perceber que cada história chega a quem ouve de uma forma diferente, e através desta vivência foi possível enxergar ainda além, observando na prática que as histórias permitem passagem a imaginação e ao simbólico de maneira concreta, sendo vivenciada da oralidade para o próprio corpo. Foi um momento em que as crianças demonstraram “brilho nos olhos”, pois ficou claro que a história fugiu da convencionalidade de todos os outros enredos que as mesmas já tinham ouvido.

Um dos objetivos ao apresentar uma história de tradição oral era justamente sair do tradicionalismo das histórias apresentadas às crianças em ambiente escolar, a intenção não é apresentar o encantamento das histórias da tradição oral em detrimento das outras, como contos de fadas, histórias de valores, em determinados momentos dependendo da abordagem elas podem sim falar ao universo da criança e reverberar, mas sim propor novas formas de diálogo e maneiras de ver o mundo através de outros enredos

Após a finalização do primeiro momento perguntei se as crianças tinham interesse em ver a história que contei de outra forma, eles responderam que sim. Não foi dito que o formato seria esse, apenas solicitamos que eles se acomodassem em suas cadeiras, por orientação da professora regente, e olhassem para o lugar que especifiquei. Expliquei que o pássaro Jurutaí gostaria muito de mostrar outra “roupa” pra elas e que junto a isso também traria a presença de seus amigos da floresta.

Imagem 3 – Contando a história



Fonte: Autora

Imagem 4 – A lenda do jurutaí



Fonte: Autora

As crianças se demonstraram muito entusiasmadas e com auxílio da professora, organizamos na sala o aparelho de projeção de imagens onde foi passada uma animação sobre a “Lenda do Jurutaí”, vídeo criado pelo ¹Grupo Girassinhos. A animação contou a história do pássaro chamado Jurutaí, que tinha um dos cantos mais belos da floresta. A história não deixa claro o seu final, é como se ela transferisse isso para quem está assistindo resolver, desta forma, é possível delegar a quem escuta a sua verdadeira participação na construção do enredo. As crianças assistiram ao vídeo com duração de pouco mais de 3 minutos. Durante a história projetada as crianças não esboçaram tantas reações como a história contada oralmente, a sala também não permitiu uma disposição das crianças sentadas a sua maneira, todas tiveram que se deslocar para uma cadeira, por orientação da professora.

A atitude das crianças durante a história por meio da imagem digital era mais passiva, colocar citação de quem apenas recebe e não sente a necessidade de interagir, como se tudo o que estivesse ali sendo apresentado não despertasse tanta curiosidade pelo grau de estímulo visual proposto pelas imagens. Após este momento senti a necessidade de reunir as crianças para uma roda de conversa para ouvi-las e saber o que elas tinham achado daquele momento. De forma muito sutil e cuidadosa procurei suscitar algumas ideias as crianças, com bastante ludicidade para que aquele momento não se transformasse numa simples interpretação da

¹ Este vídeo é de livre adaptação do grupo Girassinhos e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqaRTALTYIA> acesso em: 19 de jun. de 2019

Imagem 5 - Projeção de imagens da história



Fonte: Autora

Imagem 6 – A lenda do Jurutai



Fonte: Autora

As crianças foram questionadas se gostariam de “conversar” com o pássaro Jurutaí, tocar nele se tornarem amigos dele e então cada criança se aproximou muito cautelosamente do objeto construído para representar o pássaro Jurutaí e o mais surpreendente foi que ao tocarem no “pássaro” elas mesmas foram me mostrando cada parte do “corpo” da ave, ou a característica do pássaro que mais chamaram a sua atenção. *“olha tia aqui estão as asas (tocando e balançando as tiras do tecido)”* outra criança disse: *“E aqui estão os olhos e aqui a boca dele”, ele gosta muito de cantar”,* outra criança retrucou *“meu avô tem um passarinho que gosta muito de cantar, ele fica nagiola”*.

Ficou claro naquele momento que a história havia alcançado aquelas crianças de alguma maneira, fosse através da oralidade ou dos meios tecnológicos, elas demonstraram naqueles poucos momentos a capacidade de relacionar as histórias vivenciadas em sala de aula até mesmo com a sua realidade. O ato de reuni-las para conversar sobre a história, sem expectativas, mas com organização, planejamento e ludicidade foi essencial para a finalização desta pesquisa e deixou claro que as duas maneiras de contação de histórias vivenciadas nesta pesquisa foram importantes para condução da mesma, e deixou claro que ambas as formas de contar histórias podem ser adequadas para apresentação em sala de aula.

Por mais que se tenha discutido nesta pesquisa sobre a importância das narrativas orais e do ato de contar histórias, este trabalho não pretende se assemelhar a uma receita, ou indicar

qual caminho o professor contador de histórias deve seguir. Nosso objetivo principal foi o de permitir um pensamento que gere uma prática afetiva, corajosa e ousadamente apaixonada pelo fato de proporcionar e querer despertar o encantamento nos olhos de quem ouve uma história, e pra algumas vezes é necessário nos distanciarmos dos propósitos curriculares e enxergar a história como um agente deleite e de transformação na vida das crianças, ou de quem quer que venha a se colocar no ato de escuta.

5 CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

O objetivo desta pesquisa foi o de criar novas possibilidades para o ato de contar histórias na Educação Infantil. Foi investigado duas formas de contação de histórias: através da oralidade e por meio do uso de uma ferramenta tecnológica, que neste caso foi o projetor de imagens. As duas maneiras de se contar histórias apresentadas neste trabalho demonstraram cada uma as suas especificidades, não podemos afirmar que uma forma de contar histórias é melhor ou mais eficaz do que a outra, por que as duas neste caso foram complementares.

Segundo estudos de Machado (2004), desde que o professor saiba qual objetivo pretende alcançar com a história apresentada e que se articule com antecipação para este momento, ele pode utilizar infinitas formas de contar uma história. Entretanto pensando na aplicação destas duas formas de contar histórias em realidades separadas e contextos diferentes, acreditamos que o que não pode deixar de existir são os momentos de abertura e finalização das histórias, independente da mesma ser contada através da oralidade ou por alguma ferramenta tecnológica, ou até mesmo apresentada via mediação de leitura.

Velasco (2018) nos diz que ao preparar uma criança para ouvir uma história, sutilmente se está entregando uma chave para que ela mesma abra a fechadura da narrativa e ao encerrar devidamente, a própria criança vai selar o seu final, sendo assim os educandos precisam estar motivados para vivenciar este momento, deve ser algo mágico que permita ser uma grande alternativa para adentrar no mundo do encantamento.

A escolha pela mesma história tanto contada verbalmente como apresentada através do vídeo nesta pesquisa, foi propositalmente pensada para suscitar comparações entre as duas maneiras, não com a finalidade de afirmar que uma é mais importante do que a outra, mas para deixar claro como ambas podem ser ferramentas importantes para serem vivenciadas na Educação Infantil, com relação não só ao ensino e aprendizagem, mas também no que se refere principalmente as relações humanas e ao contexto de mundo e realidade das crianças.

Esta pesquisa levantou inúmeras considerações e contribuições com relação ao ato de contar histórias por meio do uso da tecnologia e uma delas foi o fato de que nem sempre a tecnologia, de forma geral, detém a atenção das crianças e que há outras possibilidades de interação potente aquém dos meios tecnológicos. Também compreendemos que uma história bem escolhida, com um enredo que contemple e valorize não só a pluralidade existente ao redor do mundo, mas também a realidade decada criança, permite que muitas outras

compreensões e aprendizados possam surgir e isso pode acontecer seja através da oralidade ou seja através da tecnologia.

Hoje vivenciamos uma escola que ainda é do passado e que conserva os mesmos instrumentos que utilizava há séculos, entretanto o surgimento de novos instrumentos tecnológicos tanto ao redor do planeta quanto na escola, são responsáveis por nos fazer dialogar com outras formas de conhecimento sem grandes esforços. Neste sentido acreditamos a tecnologia pode estar sim a serviço da arte de contar histórias, das relações de ensino e aprendizagem e da prática docente professores da Educação Infantil.

Entendemos que nenhuma proposta de pesquisa, por mais objetiva e coerente que seja, será capaz de suscitar todas as respostas para as indagações envolvidas neste estudo. Entretanto, na certeza de que as perguntas sempre existirão, o presente trabalho pretende propor novas reflexões e perspectivas sobre a presença da tecnologia contemporânea para a prática da contação de histórias na Educação Infantil.

Diante disso, acreditamos que contar histórias da tradição oral por meio da oralidade ou da tecnologia pode enriquecer e favorecer a presença cada vez maior pelo prazer de se ouvir histórias na escola, contribuindo de forma significativa tanto para o desenvolvimento integral dos educandos quanto para a melhoria das estratégias pedagógicas docentes, permitindo, assim, que haja um fortalecimento e um direcionamento de protagonismo nas relações de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

Acesso em: 12 de jul. de 2019

ABRAMOVICH, Fanny. 2009. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.

AFONSO, Maria Aparecida Valentim; **Contação de histórias e mediação de leitura**. Paraíba: Editora Realize 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/74ff55c2efc05f35e537d2a639bd9637_554_383_.pdf> Acesso em : 10 de agos. de 2019.

BARROS, Maria Lindamir de Aguiar. **A literatura popular para além da Modernidade**. 2002. Disponível em: < file:///C:/Users/ferna/Downloads/5266-16624-1-PB.PDF> Acesso em : 10 de jul. de 2019

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa**. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/331008193>> Acesso em: 5 de jun.2019

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BITTENCOURT, Ricardo Barbosa. **As Novas Tecnologias e a Contação de Histórias em Sala de Aula**. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/as-novas-tecnologias-e-a-contacao-de-historias-em-sala-de-aula/13659/>> Acesso em: 10 de mai.2019.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**.São Paulo: vozes, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação. Brasília. Distrito Federal, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRUZZI, Demerval Guilarducci. **Uso da tecnologia na educação: da história à realidade atual**. Disponível em: <[http://www.file:///C:/Users/ferna/Downloads/42325-Texto%20do%20artigo-177478-1-10-20160713%20\(1\).pdf](http://www.file:///C:/Users/ferna/Downloads/42325-Texto%20do%20artigo-177478-1-10-20160713%20(1).pdf)> Acesso em: 5 jun. de 2019

CASCUDO, Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006

CARVALHO, Markley Florentino de. **Saberes e práticas do professor – contador de histórias: vivências de letramento literário na pré-escola**. 2016. Disponível em: <

file:///C:/Users/ferna/Downloads/5366-18148-1-PB%20(1).pdf > Acesso em : 21 de jun. de 2019.

CENSI, Simone Pellin. SANTINELLO, Jamile. **O uso das tecnologias da informação e da comunicação na formação docente.** Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1628-8.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise.** 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

COUTO, Mia. **O gato e o escuro.** São Paulo: Cia das Letrinhas, 2008.

SCHENEIDER, Sabrina. **O apagamento da oralidade na historiografia da literatura brasileira.** 2009. Disponível em: <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/5711/4629>

Acesso em: 18 de agos. de 2019

DUARTE, Rosana. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Curitiba :Editora UFPR, 2004
Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>> Acesso em: 20 de agos. de 2019.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A Profissionalização do Contador de Histórias Contemporâneo.** Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream>> Acesso em: 2 de jun. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo : Atlas, 2002

LEVY, Pierre. **Cybercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

NÒVOA, Antônio. **Formação de professor e profissão docente.** Universidade de Lisboa,1992. Disponível em:<<https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>>. Acesso em: 4 de mai. de 2019.

MACHADO, Regina . **Acordais: Fundamentos Teóricos-poéticos da Arte de Contar Histórias.** São Paulo: Difusão Cultural, 2004

MACHADO, Márcia Regina. **A Inclusão da Tecnologia na Educação Infantil.** Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9701_5615.pdf> Acesso em: 25 de mai.2019.

MEIRA, Silvio. **È preciso repensar a sala de aula.** 2017. Disponível em <<http://www.pucrs.br/blog/e-preciso-repensar-sala-de-aula/>> Acesso em : 21 de agost. de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte da narrar histórias.** Chapecó: Argos, 2001.

VELASCO, Cristiane. **Histórias de Boca: o conto tradicional na Educação Infantil.** São Paulo: Panda Educação, 2018

APÊNDICE A

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1 Para você o que é contação de histórias?
- 2 - Você considera a contação de histórias uma atividade importante na educação infantil? Porquê?
- 3 - Com que regularidade você conta histórias para a sua turma?
- 4 - Você acredita que é possível utilizar recursos tecnológicos nas contações de histórias? Porque? Você as utiliza de alguma forma?
- 5 - De que forma você escolhe as histórias que conta para seus alunos?
- 6 - Você considera importante que um professor pedagogo tenha alguma formação na área de contação de histórias? Porquê?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Fernanda Maria de Lima Ferreira, na condição de contadora de histórias e pós-graduanda do curso de Artes e Tecnologias da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco(UFRPE), estou desenvolvendo a pesquisa “A arte de contar histórias: Tradição oral versus o uso de ferramentas tecnológicas”, orientada pela Prof^a. Ms^a. Adriana Ianino. Esta pesquisa tem como objetivo analisar os possíveis benefícios no ensino e aprendizagem existente entre o ato de contar histórias através de duas vertentes: a comunicação oral e o uso de recursos tecnológicos.

V. Sa. está convidada a participar dessa pesquisa respondendo a uma entrevista com perguntas estruturadas. Esclareço que as informações fornecidas serão confidenciais e sua identidade não será divulgada. As entrevistas serão analisadas no conjunto do conteúdo das respostas dos (as) demais respondentes. Estou à sua disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa “ A arte de contar histórias da tradição oral versus o uso de ferramentas tecnológicas para contação de histórias na prática pedagógica da educação infantil: um estudo comparativo”, e concordo que o conteúdo das minhas respostas seja utilizado na realização deste estudo.

Data: _____/_____/_____

,